

UM LUGAR NA HISTÓRIA

DA REDAÇÃO

A recente memória candanga esquece de muitos pioneiros que ajudaram a erguer Brasília. Salvo os nomes de ilustres preservados pela história oficial, a maioria dos que primeiro chegaram à cidade caiu no esquecimento. Na tentativa de reunir os velhos companheiros e não deixar parte da história da capital morrer, os que ajudaram a construir a cidade montaram organizações como a Associação dos Candangos Pioneiros de Brasília, criada em 1993, e o Clube dos Pioneiros, um pouco mais antigo.

Em reuniões, jantares e jornalinhos, os candangos da primeira hora relembram com nostalgia a Brasília do começo. No domingo passado, a Associação dos Candangos reuniu cerca de 160 pessoas em um almoço para lembrar dos velhos tempos. Para juntar tantos colegas e não deixar que se percam contatos, é preciso trabalho minucioso de candangos como Lauro França Duarte d'Oliveira, 71 anos.

O funcionário público aposentado organiza em casa um livro com nomes, telefones e endereços de mais de 150 pioneiros. Junto ao jornalista e pioneiro Paulo Manhães, Lauro procura, entrevista e fotografa pessoas que ajudaram a construir Brasília e hoje são pouco lembrados. "Muita gente tem tanta história bonita para contar, mas estão esquecidos. Os governos e a população não preservam essa parte da história", lamenta.

Lauro é um dos muitos "pioneiríssimos" de Brasília que não estão nos livros de História, segundo o próprio Ernesto Silva, ex-diretor da Companhia Urbanizadora do Planalto Central (Novacap) e presidente vitalício da associação dos candangos. "São tantos que estiveram aqui no início, na época mais difícil. Não se pode deixar essas histórias morrerem", diz Ernesto Silva.

D'Oliveira chegou a Brasília em 1956, no caminhão que trazia para o cerrado a estrutura metálica que seria usada para montar o primeiro galpão da Novacap. "Morava no

Rio de Janeiro, em Copacabana, e naquela época minha intenção era continuar tomando banho de mar no fim do expediente. Mas a oportunidade de vir para cá veio de sopetão", conta.

Foi num barracão de madeira da Novacap, só com lápis preto e papel, que Lauro calculou a primeira folha de pagamento de todos os funcionários da companhia. E sem calculadora. "Eram só uns 130, naquela primeira hora. Mas depois, dobrava, triplicava a cada mês. Sorte que em seguida veio a calculadora", brinca. Complicado mesmo era fazer ficha cadastral de pedreiros que nem sequer sabiam o primeiro nome. "Alguns diziam que a vida toda eram chamados apenas de Zezinho e só. Mas a gente registrava mesmo assim. Todo mundo recebia hora trabalhada."

Primeiros

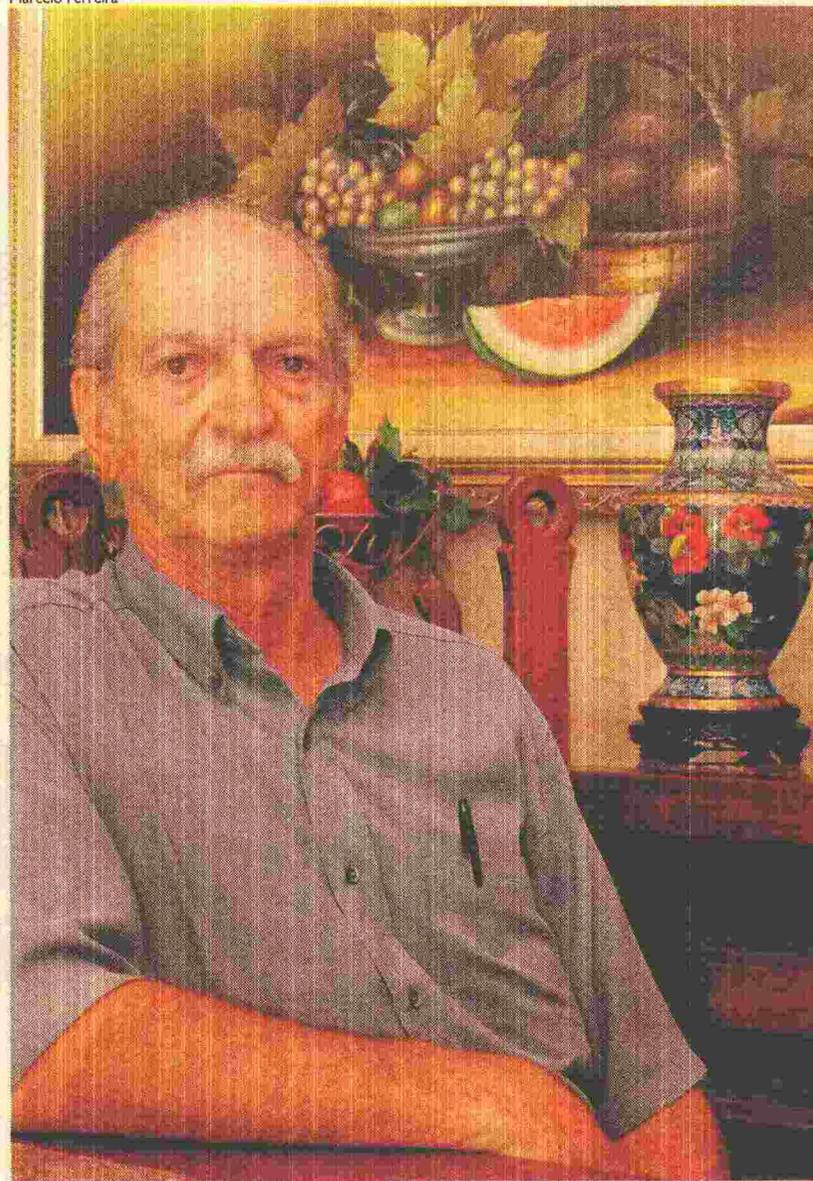
Domingos Versiani, 74 anos, e a enfermeira aposentada Martha Margaretta de Souza, 69, também são parte dos "primeiros" de Brasília. Ele foi o primeiro assessor do presidente da Novacap, Israel Pinheiro. Ela, uma das primeiras a assumir o treinamento do grupo inicial de assistentes de enfermagem que trabalhariam no Hospital de Base, quando o prédio ficasse pronto.

"Nas aulas de enfermagem, todo mundo sentava no chão. Não tinha cadeira. Nos primeiros tempos do Hospital de Base, não havia cozinha nem lavanderia. Tudo

era meio na improvisação. A gente transformava as tampas de latas de biscoito em bandejas para servir remédios", lembra, saudosa.

Versiani ficou pouco tempo como assessor de Israel Pinheiro. De estopim curto, preferiu trabalhar em um órgão fiscalizador das empresas contratadas pela Novacap. "Naquele tempo, mesmo naquele cerrado bravo, não tinha tanto ladrão como hoje", brinca.

Marcelo Ferreira



LAURO TRABALHA PARA MANTER CONTATO COM OS QUE PRIMEIRO CHEGARAM À CIDADE